

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

4 de Outubro de 2021

UMA VIAGEM PELO CINEMA DA ESLOVÉNIA

PO ISTI SE NE VRACA / 1965 “Não Voltes Pelo Mesmo Caminho”

Um filme de Jozse Babic

Argumento: Branko Piesa e Giogrio Sestari / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco):* Zarko Tusar / *Cenários:* Ljiljana Adlesic / *Figurinos:* Anja Dolenc / *Música:* Marjan Vodopi / *Montagem:* Maricka Pirkmajer / *Som:* Herman Kokove / *Interpretação:* Davor Antolic (*Macor*), Ljubisa Samardzic (*Abdul*), Jozse Zupan (*Alija*), Miha Baloh (*Ahmet*), Miranda Caharija (*Lenka*), Vesna Krajina (*Ajsa*), Petar Prlicko (*Kiril*), Simo Iliev (*Krste*), Dusan Janicjevic (*Tarzan*), Husein Cokic (*Mister*) e outros.

Produção: Viba Films (Liubliana) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm) versão original com legendas em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia mundial:* 22 de Novembro de 1965 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

O nome e a obra de Jozse Babic (1917-96) nunca tiveram muita difusão para além das fronteiras do Estado que se denominou a Jugoslávia, como prova o facto de não haver nenhuma referência a um ou a outra na vasta e biblioteca desta cinemateca, que dispõe de livros e coleções de revistas em diversas línguas. Depois da implosão da Jugoslávia (a Eslovénia, através de cujo cinema fazemos uma breve viagem neste ciclo, foi precisamente a primeira unidade da federação a se separar e a única que o fez quase sem derramamento de sangue) esta situação não mudou. Jozse Babic só se estreou no cinema aos quarenta e dois anos, o que se explica pelo facto de ter tido formação de encenador teatral, atividade que exerceu intensamente antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Os seus dois primeiros filmes costumam ser considerados os mais importantes que realizou: **Tri Cetrtine Sonca** / “Três Quartos do Sol” (1959) e **Veselica** / “A Festa” (1960). **Pro Isti Se me Vraca** é a sua quinta longa-metragem e a última que realizou antes de se passar para a televisão, para a qual realizaria a sua décima-primeira e última longa-metragem em 1980.

Uma das peculiaridades da Jugoslávia tal como a organizou o regime do Marechal Tito, era a autorização dada aos seus cidadãos, a partir dos anos 60, de emigrarem para o exterior, o que era impensável nos países ditos “do Leste”. Os principais destinos escolhidos foram a França e sobretudo a Alemanha Ocidental esta emigração foi inclusive objeto de alguns filmes de ficção, dois dos quais foram apresentados na Cinemateca em 2019, no vasto ciclo denominado “Povos em Movimento”: **Hallo, München** (1968), de Krsto Papic e **Ludi Dani** / “Dias Loucos” (1977), de Nikola Babic. **Pro Isti Se me Vraca** trata de outra migração, a de bósnios muçulmanos (como se constata de imediato pelo plano sobre um minarete na sequência de abertura) rumo à Eslovénia, para trabalhar na construção civil. Eslavos convertidos ao islão durante a ocupação dos Balcãs pelo império otomano, esta população aparentemente nunca foi considerada plenamente “nacional”, apesar da passagem dos séculos e os seus membros viriam a ser as principais vítimas civis do conflito que pôs fim à Jugoslávia, com a destruição sistemática de mesquitas durante a “limpeza étnica” da Bósnia e uma sucessão sistemática de crimes bárbaros, o mais horripilante dos quais foi o massacre de Srebrenica em 1995, em que forças sérvias assassinaram a sangue frio oito mil rapazes e homens muçulmanos, que lhes foram por assim dizer entregues pelas forças militares holandesas responsáveis pela sua segurança.

Na Eslovénia, culturalmente homogénea e, para ventura da sua população, de cultura mais *Mitteleuropa* do que balcânica, nunca houve nada que se parecesse a isto, mas como se constata pelo filme de Jozse Babic a hostilidade e a rejeição em relação aos “turcos”, que nada tinham de turcos, eram sistemáticas. Também são designados “eufemicamente” pelos eslovenos como “os migrantes”, mas nunca como “os bósnios” ou “os muçulmanos” embora a pejorativa palavra *turcos* os defina pela religião. Por conseguinte, **Pro Isti Se me Vraca** é

um filme sobre o tema geral da migração temporária de homens que vão amealhar algum dinheiro em troca de trabalho, aceitando duras condições de exploração e precariedade, e mais especificamente sobre a migração de aldeões de religião muçulmana rumo a uma cidade da região mais próspera do país, maioritariamente católica. Esta hostilidade surge de forma indireta já no genérico, que se passa sobre imagens de uma cena de pancadaria num café. O espectador não pode saber quem é quem nem a razão daquela luta, que acaba com um “paralítico”, mas poderá constatar, uma hora de projeção depois, que esta sequência é o momento central do filme, aquele que marca uma viragem definitiva para um dos protagonistas, o mais insubmisso entre eles. Estes bósnios muçulmanos não são idealizados e a crua violência das relações humanas, o hábito de resolver todos os conflitos à pancada, manifesta-se ainda na aldeia onde os homens são recrutados, quando o “Gato” agride um dos eslovenos que vieram recrutar trabalhadores e dirigira a palavra à sua noiva. O esloveno reage com uma réplica talvez não inteiramente injusta (“*vocês ainda vivem na Idade Média*”), seguida por outra repleta de despeito e preconceito e que muitos imigrantes terão ouvido nos mais variados países: “*Depois vêm roubar as nossas mulheres*”.

Talvez pelo facto de abordar um problema social muito concreto, Babic não adere ao tipo de narrativa oblíqua que caracteriza muito do melhor cinema dos anos 60, mas não fez em absoluto um filme à *thèse*, uma demonstração auto-suficiente. A ação começa num momento de perigo cuja causa desconhecemos, para um homem cuja identidade também desconhecemos. A seguir, tudo se desenrola num *flashback* em que acompanhamos o grupo de migrantes, todos devidamente individualizados, autênticos personagens e não casos exemplares. Em vez de mostrar aspectos específicos do seu trabalho, para acrescentar “veracidade” ao que mostra (que interesse teria mostrar-nos a técnica de empilhar tijolos ou misturar cimento?), Babic concentra-se sobre as relações sobre aqueles homens, que vivem em círculo fechado, como é regra entre imigrantes e que de cada vez que saem deste círculo são hostilizados: pela família que só os contrata a contragosto, embora necessite dos seus braços; por uma criança que afasta o irmão mais novo do adolescente “turco” que lhe ensinava algo; e, evidentemente, pelos homens que não admitem que uma eslovena possa se interessar por um muçulmano. O paralelo entre a hostilidade irracional da população e a exploração racional por parte dos patrões (que obrigam os homens a pagarem pelo seu alojamento, sob pretexto de fazê-los viver em melhores condições) é mostrado de maneira brilhante: a cena em que um grupo de homens cerca e ameaça o bósnio que está em companhia de uma eslovena é refletida naquela que talvez seja a melhor sequência do filme, o momento em que o “Gato”, ingenuamente, vai explicar ao patrão que os migrantes não querem pagar o alojamento, que é uma clássica forma de extorsão dos salários dos migrantes. Num moderno edifício, provavelmente construído com o suor do rosto de outros “turcos”, o migrante recebe uma explicação hipócrita sobre os motivos da extorsão e pouco a pouco é cercado por outros funcionários da empresa de construção civil, exatamente como se estivesse na rua ou num café e fosse cercado por uma multidão irracional que não admite a presença de alguém que seja “outro” entre eles e exerce o prazer sádico de pô-lo no seu devido lugar. Nesta sequência, a montagem e os movimentos de câmara desenham de modo impressionante o cerco em que o migrante se vê preso e que o faz perceber que qualquer insistência é inútil. A seguir, quase numa cena de teatro do absurdo, o discurso dos patrões deixa de ter um objetivo preciso e solta-se como um excursus verbal sem objeto, mecânico. Num eco a esta sequência, quando voltamos ao bar onde tudo começara, a guerra entre ricos e pobres, católicos e muçulmanos, eslovenos e bósnios tem como ponto de partida e pretexto a escolha da música que se vai ouvir. O contraste sonoro, que resume todas as outras incompatibilidades, faz com que os corpos que se movem numa dança passem de um segundo para outro a se moverem numa pequena guerra. O desenlace não poderia ser mais lúcido e sóbrio: o “turco” é denunciado, entrega-se sem resistência e não podemos ter dúvida sobre o que o espera. Enquanto ele é detido, um bloco de betão é içado por uma grua: tudo vai continuar como sempre foi e Joze Babic sabe dar uma solução visual, não retórica para este ponto final.

Antonio Rodrigues